



Kathleen von Simson RA 026975



1290003175

FE
TCC/UNICAMP SI58a

A AVALIAÇÃO INFORMAL: observando a prática pedagógica

*Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado a Faculdade de
Educação da UNICAMP, como
exigência para a Graduação em
Pedagogia sob orientação do Prof.
Dr. Luiz Carlos de Freitas.*

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação
Pedagogia
Campinas, 2006**

M
75217006

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA:	5158a
V:	
EX:	
TRMBO:	3145
PRSC:	145107
C:	
D:	X
PREÇO:	
DATA:	21/03/07
Nº CPD:	4000102

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Simson, Kathleen von.
5158a A avaliação informal : observando a prática pedagógica / Kathleen von Simson. -- Campinas, SP : [s.n.], 2006.

Orientadores : Luiz Carlos de Freitas.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1.Prática pedagógica. 2.Avaliação educacional. I. Freitas, Luiz Carlos de. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-747-BFE

Dedico este trabalho aos meus pais, que me ajudaram a chegar até aqui, ao meu irmão e ao Victor, que sempre esteve ao meu lado.

Agradecimentos:

Em primeiro lugar ao Professor Luiz Carlos de Freitas, que me orientou e me deu as bases para que eu pudesse construir esse trabalho;

Aos meus pais, por me apoiarem e me propiciarem as condições necessárias para eu completar a minha formação, além de sempre estarem do meu lado e acreditarem em mim;

Ao Victor, por ter me ajudado desde o começo do curso, por sempre me apoiar, inclusive nos momentos difíceis e por ter acreditado em mim sempre;

Às minhas amigas Carol, Fernanda, Lilian, Luana e Lygia que sempre me ajudaram e me deram força pra continuar e que eu nunca vou esquecer, além de todas as pessoas da minha turma que dividiram comigo momentos bons e ruins;

Ao meu irmão por toda ajuda que ele me deu;

À escola onde desenvolvi a pesquisa, aos funcionários, professores e alunos, que me proporcionaram a realização desse estudo.

"É melhor tentar e falhar,
que preocupar-se e ver a vida passar;
é melhor tentar, ainda que em vão,
que sentar-se fazendo nada até o final.

Eu prefiro na chuva caminhar,
que em dias tristes em casa me esconder.

Prefiro ser feliz, embora louco,
que em conformidade viver ..."

Martin Luther King

Resumo

Constituiu objetivo central dessa pesquisa verificar, na prática pedagógica de uma determinada professora, num determinado período de ensino-aprendizagem, como ocorre a avaliação informal. Este estudo se caracteriza como sendo uma pesquisa qualitativa de natureza observacional, tendo por objetivo realizar um estudo exploratório sobre avaliação informal dentro de uma sala de aula. Procura-se destacar as características principais do processo de avaliação informal. Os dados apresentados nesta pesquisa foram coletados exclusivamente por observação, e para isso utilizou-se uma pauta estruturada que permitiu registrar quando ocorrem os processos de avaliação informal e se são positivos ou negativos. A pauta foi elaborada e validada por STUARDO (2004) e avalia em que medida a professora observada apresenta oportunidades de desenvolvimento relevantes para os alunos, considerando aspectos, como por exemplo, características da professora, ambiente didático, conduta dos alunos, entre outros, o que nos possibilitou identificar os momentos em que ocorrem a avaliação informal. Este instrumento foi utilizado para observar aulas inteiras, num total de 32 horas, o que permitiu observar o padrão de utilização da avaliação informal.

De acordo a análise dos dados, concluímos que a professora utiliza a avaliação informal, na maioria das vezes de forma positiva e os dados contrariam outros estudos como Freitas, 1995 onde a avaliação informal aparece predominantemente vinculada a situações que conduzem à quebra da auto-estima do aluno.

Palavras-chave: prática pedagógica, avaliação informal.

Sumário

<u>1. INTRODUÇÃO</u>	1
<u>2. A PESQUISA</u>	8
<u>2.1 METODOLOGIA</u>	8
<u>2.1.1 O instrumento de coleta de dados: pauta de observação de sala de aula</u>	9
<u>3. APRESENTAÇÃO DOS DADOS</u>	12
<u>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	23
<u>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:</u>	26
<u>6. ANEXO 1</u>	28

1. Introdução

Os procedimentos de avaliação responsáveis pela exclusão do aluno no interior da escola são modulados pela função social que esta assume no âmbito da sociedade. Em nossa sociedade a escola atua como mediadora entre hierarquias econômicas e hierarquias escolares e vice-versa (Bourdieu e Passeron, 1975; Bourdieu, 2001). Esta mediação é exercida no interior de processos contraditórios. A partir desta grande determinação, as demais ações internas configuram-se, cruzando-se com as correlações de força locais que definem sua intensidade e direção e, se necessário, obrigam ações de controle mais eficazes por parte do Estado.

Segundo FREITAS (2003) a função social da escola e da avaliação acaba centrando-se no exercício da exclusão dos alunos com maior dificuldades, em especial os da classe trabalhadora. Nesse modelo, a avaliação é vista apoiada em três práticas diferenciadas e ao mesmo tempo articuladas: avaliação instrucional, pelo qual se avalia o domínio de habilidades e conteúdos em provas, chamadas, trabalhos, etc.; a avaliação comportamental, que é um poderoso instrumento de controle em ambiente escolar, já que permite ao professor exigir do aluno obediência às regras. O poder desses mecanismos pedagógicos está ligado ao fato de o professor ter a possibilidade de aprovar ou reprovar a partir da avaliação da instrução.

O controle que o professor adquire sobre a sala de aula advém do seu poder de reprovar; portanto a avaliação faz mais que avaliar as habilidades e o conhecimento – ela cria uma estrutura de poder na sala de aula, na qual se apóia o controle do professor sobre o aluno. A retirada dos motivadores

artificiais (nota, reprovação, etc.) desestabiliza as relações de poder existentes, obrigando o professor a lançar mão de outras formas de controle, nem sempre mais adequadas.

Por último temos a avaliação de atitudes e valores, que ocorre cotidianamente em sala de aula e que consiste em expor o aluno a reprimendas verbais e físicas, comentários críticos e até humilhação perante a classe, criticando seus valores e atitudes, bem como na avaliação do comportamento do aluno, que se instala a lógica da submissão.

Com isso, retira-se a primazia da avaliação instrucional e combina-se esta dimensão com outras duas que têm um peso tanto ou mais decisivo na formação da auto-estima do estudante, na sua destinação escolar (e depois social) e na sua conformação à "ordem". As definições usuais de avaliação, em geral, restringem-se a esta primeira dimensão - à função de verificar a aprendizagem do conteúdo escolar. Entretanto, a avaliação não está referida apenas à aprendizagem do conteúdo das disciplinas, mas é um potente instrumento de controle de sala de aula, tanto no que diz respeito ao comportamento (disciplina e motivação) como no que diz respeito à conformação de valores e atitudes.

Os processos de avaliação, como motivadores artificiais, então, tomam o lugar de motivadores naturais (gosto pelo conhecimento) e passam a ser a principal ancoragem para produzir a motivação para o estudo - além da pressão familiar. Como na escola se aprendem e se ensinam relações, a avaliação assume a forma de uma "mercadoria" com as características de dualidade existentes na sociedade capitalista: valor de uso e valor de troca, com predomínio do último sobre o primeiro (Freitas, 2002). Por meio dela,

exercita-se a importância, para a sociedade, do valor de troca, sobre o valor de uso. A apresentação do conhecimento no processo de avaliação é usado como um meio de se obter nota. Troca-se conhecimento por nota – independentemente de seu valor para o aluno no cotidiano, na sua vida.

Porém, é preciso complementar nosso entendimento do processo de avaliação escolar dizendo que, este tripé avaliativo (instrucional, comportamental e de valores) atua em dois níveis: um formal e outro informal.

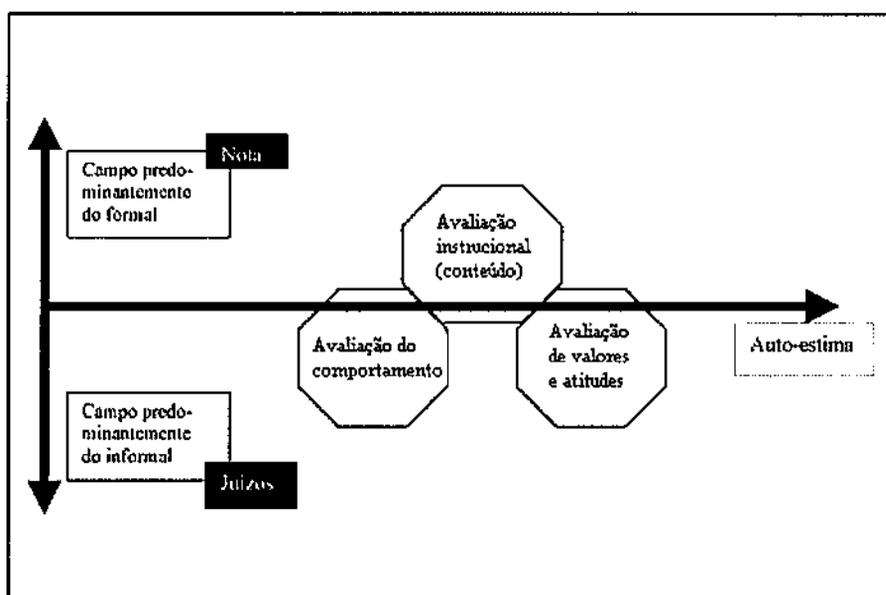
No plano formal estão a nota, o conceito ou a aprovação social verbal, como resultado do processo de ensino. No plano informal estão os juízos de valores que se configuram durante o processo de ensino/aprendizagem. Estamos falando de juízos de valores dos atores - professores e alunos - que são desenvolvidos no processo de ensino/aprendizagem e que afetam as próprias estratégias de ensino/aprendizagem em nível encoberto - tanto estratégias do professor, como dos alunos (Freitas, 2002).

Como penetrar neste mundo pessoal do professor e do aluno? Certamente, não é por decretos e resoluções - nem pela avaliação externa. A questão que já se pode levantar é se a retirada da nota formal para permitir a progressão continuada do aluno afeta as ações do professor e do aluno no plano informal da sala de aula. As experiências com o uso de progressão continuada, parecem dizer que a retirada da nota leva à perda de controle em sala de aula, definida como indisciplina.

Saber quanto tempo é necessário para o aprendizado, segundo Richardson (1997), é um dos problemas mais difíceis encarados pelos professores, depende do conhecimento das capacidades e aptidões dos alunos.

Segundo Freitas (1995), a avaliação informal, que ocorre ao longo do processo de ensino, aparece em comentários feitos pelo professor, contribuindo para a resultado final formal que aparece como nota ou conceito. A avaliação informal termina assumindo o papel de antecipação do desempenho do aluno na avaliação formal. Isso ocorre pela interação entre o juízo de valor informal e as estratégias metodológicas de ensino que o professor acaba planejando (ou não planejando) para estes alunos com avaliação informal negativa. Deve-se registrar que a avaliação informal pode atuar também positivamente, construindo o sucesso do aluno.

Como vimos, entendemos a avaliação informal como a construção, por parte do professor, de juízos gerais sobre o aluno, cujo processo de constituição está encoberto e é aparentemente assistemático – podendo levar a uma auto-imagem positiva ou negativa no aluno.



Como falamos anteriormente, a avaliação está apoiada em três práticas diferenciadas. A explicação para esta relação tripartite (avaliação instrucional, avaliação comportamental e avaliação de atitudes e valores) advém do fato de a escola ter sido institucionalizada de uma forma que, para acelerar os

processos de formação, separou-se dos motivadores naturais da vida. Puxada pelas necessidades vertiginosas da acumulação do capital, a escola foi obrigada a formalizar-se, separando-se da vida e subordinando tanto alunos como professores a "regras externas" a estes atores (Vincent, Lahire e Thin, 2001, p. 15).

Segundo Freitas (2002), o aluno é cada vez mais conformado a ver a aprendizagem como algo que só tem valor a partir da nota (ou aprovação social), que lhe é externa, e a troca pela nota assume o lugar da importância do próprio conhecimento como construção pessoal e poder de interferência no mundo. O processo de avaliação adquire centralidade na escola porque faz parte da gênese do aparecimento da forma escolar - separada da vida (ainda que não do mercado profissional).

Professores e alunos defrontam-se na sala de aula construindo representações uns dos outros. Tais representações e juízos orientam novas percepções, traçam possibilidades, estimam desenlaces, abrem ou fecham portas e, do lado do professor, afetam o próprio envolvimento deste com os alunos, terminando por interferir positiva ou negativamente com as próprias estratégias de ensino postas em marcha na sala de aula. É aqui que se joga o sucesso ou o fracasso do aluno - nesse plano informal e não no plano formal. De fato, muitas vezes, quando o aluno é reprovado pela nota, no plano formal, ele já tinha sido, antes, reprovado no plano informal, no nível dos juízos de valor e das representações do professor - durante o próprio processo.

É na forma de exclusão subjetiva, a partir dos mecanismos de avaliação informal, nos quais se constrói de fato o sucesso ou o fracasso do aluno.

A escolha dessa categoria, a avaliação, se faz pelo fato de ela ocupar um lugar central na prática pedagógica. Não é sem sentido que ela ocupe, também, lugar central nas políticas públicas atuais, a partir da definição do Estado como um Estado avaliador (Freitas, 2002).

Dentro desse quadro teórico, resta indagar como ocorre a avaliação informal em uma sala de aula específica: **a partir da prática pedagógica de um determinado professor, num determinado período de ensino-aprendizagem, como ocorre a avaliação informal?**

Este projeto insere-se na área de pesquisa em avaliação e, além do meu interesse pessoal, por observar que muitas vezes um aluno é deixado de lado dentro da sala de aula, e excluído do contexto de ensino-aprendizagem por parte do professor, entendo que esta pesquisa contribui diretamente para a prática do professor em sala de aula, na medida em que o auxilia na escolha de mecanismos de avaliação (principalmente informais) coerentes e o ajuda a organizar e entender como acontece a produção do conhecimento em sala de aula.

Este trabalho tem por objetivo realizar uma pesquisa qualitativa sobre avaliação informal dentro de uma sala de aula de uma determinada escola, que permita destacar as características principais do processo de avaliação informal, em um determinado tempo de ensino-aprendizagem, a partir de uma pauta de observações (ver anexo 1).

Este estudo é uma exploração inicial das práticas de avaliação informal.

Refletir sobre as formas de avaliação informal pode ser um bom começo para a melhora da educação do nosso país, pois pode nos ajudar a diminuir a exclusão das crianças que conseguiram chegar até a sala de aula, já que ela é

uma poderosa conformadora dos processos de desenvolvimento da auto-estima e do auto-conceito do aluno.

2. A Pesquisa

2.1 Metodologia

Desenvolvemos essa pesquisa à luz do referencial qualitativo, de natureza observacional não-participante, para verificarmos na prática pedagógica de um determinado professor, num determinado tempo de ensino-aprendizagem, como ocorre a avaliação informal.

Quanto a natureza observacional, segundo Lüdke e André (1986), a observação possibilita um contato estreito com o fenômeno pesquisado, dessa forma é possível ao observador compreender melhor as “perspectivas dos sujeitos” e o significado que eles, nesse caso os professores, atribuem à sua prática. E o fato de ser não-participante proporciona ao pesquisador o papel de mero espectador, não influenciando intencionalmente as situações observadas, tanto quanto possível.

A pesquisa foi realizada com base nas informações obtidas através de visitas a uma sala de 3ª série de uma escola da rede municipal da cidade de Vinhedo, que neste trabalho não vai ser identificada, assim como a professora observada.

Para guiar o nosso olhar dentro da sala de aula e obter dados descritivos, utilizamos a observação, anotações e uma pauta de observação previamente estudada, que continha alguns aspectos, como por exemplo, características do professor, ambiente didático, conduta dos alunos, entre outros, que nos possibilitou identificar os momentos em que ocorrem a avaliação informal.

Realizei 8 visitas à sala de aula durante dois meses, no período de abril a maio, quatro horas por dia, em dias aleatórios, sem o prévio conhecimento da professora sobre o dia da visita, para, dessa forma, tentar reduzir as condições de a professora preparar uma aula diferente da rotina por conta da observação. Foram 38 horas de observação.

A observações foram baseadas na pauta de observação elaborada por Stuardo (2004) que foi testada e considerada válida para esta pesquisa, contendo as categorias necessárias à análise da situação pesquisada.

Este tipo de instrumento proporciona objetividade e rapidez no registro e verificação dos dados, por ser uma técnica sistemática de observação e registro de práticas particulares de modo a determinar quais são freqüentes e quais são incomuns. Tal instrumento evita que o pesquisador desvie seu olhar para outros aspectos que não os contemplados pela pauta, desse modo, o pesquisador sabe o que procura (Miranda, 2005).

Os pesquisados concordaram em serem observados, mas não foram informados sobre a natureza dos dados desse estudo, pois ao serem informados poderiam mudar suas atitudes perante a pesquisadora.

2.1.1 O instrumento de coleta de dados: pauta de observação de sala de aula

Este instrumento de coleta de dados, segundo Miranda (2005), permite tanto a quantificação dos dados recolhidos, na medida em que prevê o tratamento específico dos dados, quanto a análise qualitativa, uma vez que

considera as várias facetas do objeto de estudo, neste caso a avaliação informal.

A “pauta de observação de sala de aula”, especificamente a utilizada neste trabalho, permitiu observar a presença de práticas docentes que promovem a avaliação informal tanto de forma positiva, quanto negativa. Este instrumento foi utilizado para observar aulas inteiras (do início ao fim) o que permitiu observar se havia ou não um padrão de utilização da avaliação informal na prática pedagógica do professor.

A pauta propõe o levantamento de dados por categorias que segundo Miranda (2005) são:

- **tempo real de ensino-aprendizagem:** possibilita observar os horários de entrada e saída efetivamente praticados; o número de interrupções e sua natureza; o tempo real total (TRT), que é a soma do tempo dedicado as atividades, sem descontar o tempo gasto com interrupções, organização da sala e das atividades e disciplinamento.
- **apresentação da aula:** como o professor introduz as aulas, se expõe os objetivos da aprendizagem, se faz perguntas, etc.
- **desenvolvimento das atividades:** PROFESSOR: quais os conteúdos são trabalhados, qual a forma de aula predominante, quais as estratégias mais utilizadas, permite verificar as ênfases (ou não) dadas a cada disciplina ou atividade; a conduta do professor, se faz perguntas, se esclarece dúvidas, se os alunos podem realizar atividades livres. ALUNOS: como o tempo é utilizado pelos alunos? Que tipo de atividade realizam? Propõe temas, discussões, atividades? Realizam atividades livres? Qual a forma de trabalho predominante

(individual/grupo)?; **MATERIAIS:** Quais materiais são utilizados? Se o professor ajuda na utilização? Qual a disponibilidade dos recursos? Tem materiais?

- **encerramento:** como é o encerramento? O professor recupera o sentido do que foi trabalhado? Avalia os produtos ou apenas pede para guardar os materiais e organizar a sala?
- **espaço:** essa categoria permite observar o modo de instrução dominante (posição do professor, disposição da sala), a relação da decoração da sala com a disciplina e as condições físicas disponíveis (espaço suficiente, iluminação e móveis adequados, presença de ruídos, limpeza).
- **as práticas do professor :** quanto ao *ambiente didático e manejo grupal*, que tem por objetivo saber se o professor é capaz de manter os alunos envolvidos nas tarefas, se está atento as necessidades de ajuda dos alunos, se impõe disciplina de forma positiva; quanto ao *desenvolvimento afetivo-social*: a tonalidade afetiva do professor geralmente é positiva, suas práticas favorecem o respeito mútuo, chama os alunos pelo nome ou dá apelidos; e quanto ao *desenvolvimento cognitivo-verbal*: o professor responde as perguntas ou solicitações dos alunos, usa os erros como oportunidade de aprendizagem, permite que os alunos descrevam, comparem e tirem suas conclusões.
- e a **conduta dos alunos**: como os alunos reagem em relação a apresentação dos temas, atividades e instruções do professor.

A pauta de observação permite visualizar as práticas do professor e se essas práticas estão contribuindo para a aprendizagem dos alunos.

3. Apresentação dos dados

Esta parte tem por objetivo examinar os resultados da investigação realizada na escola.

Foram observadas oito aulas em uma mesma sala de uma 3ª série, com duração de quatro horas e cinquenta minutos cada uma, durante o período entre abril e junho de 2006, somando um total de trinta e oito horas e quarenta minutos de observação. Durante as observações, foi utilizada uma pauta que obedecia a seguinte estrutura: início, desenvolvimento e encerramento das atividades. Utilizando essa pauta também foi possível observar o uso de materiais, a conduta do professor e a disposição do espaço.

Geralmente a professora inicia a aula uns 20 minutos após o horário de entrada (ver tabela 1). Em 60% das aulas observadas a professora iniciou lembrando os conteúdos das aulas anteriores, enquanto nos outros dias ela somente explicou quais seriam as tarefas do dia. Para iniciar a atividade a professora recupera o objetivo da aprendizagem, explica o que deverão aprender, faz perguntas para introduzir os conteúdos, recolhe experiências e saberes dos alunos e por fim relaciona o tema com a vida cotidiana das crianças, de acordo com as tabelas 1 e 2.

Um exemplo de como a professora faz para manter a atenção dos alunos e relacionar as aulas com as suas experiências de vida, é uma aula de ciências sobre o ar. A professora iniciou fazendo a seguinte pergunta:

(Prof.) _ Quem pode nos dar um exemplo de algum momento em que podemos ver que o ar está presente?

(Aluno) _ Quando a gente enche uma bexiga...

(Prof.) _ Muito bem! Uma bexiga fica cheia quando a gente assopra o ar pra dentro dela! Um outro exemplo da importância do ar é o avião. O que vocês acham de a gente fazer um avião de papel?

Todos gostaram muito da idéia. Depois dos aviões prontos um aluno falou:

(aluno) _ Professora, tem um monte de gente com avião de asa torta! Eles não vão conseguir voar!

(Prof.) _ Tem certeza que o avião de asa torta não vai voar?

(aluno) _ E se a gente fizesse uma corrida com os aviõezinhos?

(Prof.) _ Ótima idéia! Assim a gente pode ver a diferença entre os que têm a asa reta e os que tem a asa torta!

A professora organizou as crianças, eles fizeram o campeonato dos aviões e no final a professora os instigou a refletir o porquê de os aviões com asa torta não voarem. As crianças gostaram muito e entenderam o conteúdo que a professora pretendia passar.

	Aluno Presentes		Horário		Início da Sessão
	H	M	Início	Término	
1º dia	8	10	07:20	11:30	relembra e explica
2º dia	8	11	07:20	11:35	relembra
3º dia	10	11	07:15	11:30	relembra e relaciona
4º dia	8	11	07:15	11:35	explica
5º dia	8	9	07:40	11:40	relembra
6º dia	7	11	07:15	11:35	explica
7º dia	10	11	07:15	11:35	explica
8º dia	9	12	07:25	11:40	relembra e explica

Tabela 1: Início da Sessão

	recupera objetivos	explica o que aprenderão	pergunta para introdução	recolhe exp.	relac vida
1º dia	sim	sim	sim	sim	sim
2º dia	sim	sim	sim	sim	sim
3º dia	sim	sim	sim	sim	sim
4º dia	não	sim	não	não	não
5º dia	sim	sim	sim	sim	sim
6º dia	sim	sim	sim	sim	sim
7º dia	não	não	não	não	sim
8º dia	sim	sim	sim	sim	sim

Tabela 2: Introdução da Aula

Ao longo da aula, a professora tem muita facilidade em conseguir a atenção dos alunos e, por isso as aulas possuem bom rendimento. A professora sempre faz perguntas para verificar o entendimento, responde as perguntas de todos os alunos tanto coletiva, quanto individualmente, e os alunos não se inibem em tirar suas dúvidas.

A professora procura sempre esclarecer termos e conceitos que os alunos não compreenderam, como mostra a tabela 3, sem fazer diferença entre os mesmos.

	faz perguntas	responde perguntas	esclarece termos
1º dia	sim	sim	sim
2º dia	sim	sim	sim
3º dia	sim	sim	sim
4º dia	sim	sim	sim
5º dia	sim	sim	sim
6º dia	sim	sim	sim
7º dia	sim	sim	sim
8º dia	sim	sim	sim

Tabela 3: Perguntas

Porém, quando encerra a atividade ela não verifica se todos realizaram de forma completa. A maior parte das atividades realizadas é retirada do livro didático, porém a lousa também é bastante utilizada e algumas vezes utilizam-se atividades mimeografadas. A correção é feita na lousa a maioria das vezes, tanto pela professora, quanto pelos próprios alunos, como podemos ver na tabela 4.

	anota lousa	faz exercício lousa	roteiro de tarefas	passa conteúdos lousa
1º dia	sim	sim	não	sim
2º dia	sim	não	sim	não
3º dia	sim	sim	não	sim
4º dia	sim	não	não	não
5º dia	sim	não	não	sim
6º dia	sim	sim	sim	sim
7º dia	sim	sim	sim	sim
8º dia	sim	não	sim	não

Tabela 4: Postura Professora

A disposição das carteiras varia. Algumas vezes eles se encontram em duplas, mas a grande maioria dos dias em que eu visitei a sala elas estavam dispostas de forma individual e em filas. Apesar disso a professora permite que as crianças que terminem as atividades primeiro circulem pela sala para ajudar os colegas que ainda não terminaram e que necessitam de ajuda. Portanto a forma de trabalho se caracteriza pela realização individual, porém com auxílio do grupo.

As atividades de leitura são realizadas de várias formas, algumas vezes as crianças lêem de forma individual em voz baixa, outras em voz alta e algumas vezes a leitura é feita em voz alta em grupo, como veremos na tabela 5.

A grande maioria dos alunos lê muito bem. Os alunos não realizam atividades livres nem em grupos, há sempre uma atividade orientada pela

professora. As crianças também nunca tomam nota à sua maneira, a professora sempre dita ou escreve na lousa o que eles devem escrever. Todos sempre discutem os temas propostos pelos alunos e pela professora, como mostra a tabela 6.

Apesar de a escola possuir computadores e biblioteca disponíveis em nenhuma das minhas observações os alunos utilizaram esses recursos.

O uso de materiais se resume ao emprego do livro didático, atividades mimeografadas, materiais trazidos pelos alunos como recortes, vasilhas, garrafas e materiais da escola como tinta, pincel, entre outros.

	lêem voz alta ind	lêem voz alta grupo	ativ. Indi.	ativ. Grupo	copiam da lousa
1º dia	sim	sim	sim	não	sim
2º dia	não	sim	sim	sim	sim
3º dia	sim	não	sim	não	sim
4º dia	não	não	não	não	não
5º dia	sim	sim	sim	não	sim
6º dia	não	sim	sim	não	sim
7º dia	sim	sim	sim	não	sim
8º dia	sim	não	sim	não	não

Tabela 5: Postura dos Alunos

	buscam livros	tomam nota	todos ativ. Livres	discutem tema profesor	discutem tema aluno
1º dia	não	não	não	sim	sim
2º dia	não	não	não	sim	sim
3º dia	não	não	não	sim	sim
4º dia	não	não	não	não	não
5º dia	não	não	não	sim	sim
6º dia	não	não	não	sim	sim
7º dia	não	não	não	sim	sim
8º dia	não	não	não	sim	sim

Tabela 6: Continuação Postura dos Alunos

O encerramento da aula é evidente, pois a professora fala sobre atividades que ficaram pendentes, passa a tarefa de casa e pede para as crianças organizarem a sala e guardarem os materiais. Algumas vezes a professora recupera o que foi trabalhado em sala de aula.

Em todas as observações dificilmente as crianças ficaram sem fazer nada, pois todas as vezes a professora permitiu que se ajudassem mutuamente. Os alunos passam todo o tempo envolvidos nas tarefas, a grande maioria é de alunos atentos. Sempre fazem perguntas pertinentes ao tema da aula, contam experiências e dão sugestões e a professora sempre incentiva essa prática, como por exemplo, na situação da aula de ciências citada anteriormente. Em todas as situações em que as crianças se saem bem a professora sempre faz um reforço positivo e sempre se preocupa para que todas as crianças acessem em igual condição os conteúdos ministrados.

Um exemplo disso é uma criança que possui um pouco mais de dificuldade para acompanhar a aula. A professora colocou esse menino sentado perto dela, mas dentro do grupo com os outros alunos. Em nenhum momento ele ficou fora do contexto da sala. Certo dia, em uma aula de matemática, esse aluno estava com dificuldade para realizar o exercício, e a professora sentou do lado dele e o ajudou a resolver e ele conseguiu entender. Logo depois disso, uma outra criança que tem mais facilidade naquela matéria, também não estava conseguindo fazer aquele mesmo exercício e então a professora sugeriu que esse aluno, com mais dificuldade explicasse pra o outro. Ele aceitou e o outro entendeu o exercício. Ele demonstrou ter ficado orgulhoso e muito feliz por ter conseguido ajudar o amigo. A professora sempre incentiva esse tipo de prática, que faz com que as crianças se sintam motivadas para aprender. Esta prática ajuda a construção de uma auto-imagem positiva de parte do aluno.

Durante as minhas visitas pude notar a ausência de ameaças sistemáticas como método para disciplinar, como também a ausência de

castigos descabidos ou imerecidos. Ela sempre intervém adequadamente frente aos conflitos das crianças, como mostram as tabelas 7 e 8.

	ordenar sala	mais de 50% atentos	reforça condutas positivas
1º dia	não	sim	sim
2º dia	não	sim	sim
3º dia	não	sim	sim
4º dia	não	sim	sim
5º dia	não	sim	sim
6º dia	não	sim	sim
7º dia	não	sim	sim
8º dia	não	sim	sim

Tabela 7: Andamento da sessão

	ausência de ameaças	ausência de castigos descabidos	chama os alunos pelos nomes
1º dia	sim	sim	sim
2º dia	sim	sim	sim
3º dia	sim	sim	sim
4º dia	sim	sim	sim
5º dia	sim	sim	sim
6º dia	sim	sim	sim
7º dia	sim	sim	sim
8º dia	sim	sim	sim

Tabela 8: Disciplinamento da Turma

A professora possui em torno de uns 38 anos, é bem disposta e bem humorada. Demonstra afeto pelas crianças, favorece o respeito mútuo, chama os alunos por seus nomes e estimula e reforça as destrezas ou qualidades próprias de cada criança. Toda vez que uma criança acerta alguma coisa ela elogia de forma carinhosa, como por exemplo, certo dia, depois de olhar o caderno de todos os alunos falou:

— Essa turma é ótima! Está todo mundo de parabéns! Os cadernos de vocês estão lindos, estou orgulhosa! Uma salva de palmas para todos!

As crianças ficaram muito contentes com isso.

O espaço físico contribui para o bom rendimento da aula, pois a sala é ampla, com carteiras novas, lousa bem conservada, grandes janelas, o que faz com que a sala seja bem ventilada e iluminada, ventiladores e lâmpadas funcionam bem. Também é bem limpa e não possui ruídos inoportunos.

De acordo com os dados acima, pudemos perceber que a professora utiliza a avaliação informal, na maioria das vezes, de forma positiva. Chegamos a essa conclusão, pois a professora quase sempre faz perguntas para verificar o entendimento dos alunos e leva em consideração a resposta de todos, sempre respondendo a todas as perguntas, sem julgá-las ou realizar comentários desabonadores. Ela geralmente esclarece termos e conceitos e não faz diferença entre os alunos. Incentiva as crianças a se ajudarem mutuamente, discute os temas propostos por todos e valoriza as experiências das crianças.

Além disso, a professora supervisiona atentamente as necessidades de ajuda das crianças, reforça habitualmente condutas positivas e impõe disciplina mediante o uso do reforço positivo. Pudemos notar também, que em todas as visitas houve a ausência de ameaças sistemáticas como método para disciplinar, a ausência de castigos descabidos ou imerecidos e que a professora sempre intervém de forma adequada frente aos conflitos das crianças.

Percebemos também que a professora sempre demonstra afeto pelas crianças, favorece o respeito mútuo com ausência de burlas, não rotulando as crianças, não sancionando publicamente suas manifestações pessoais,

chamando os alunos por seus nomes e não por apelidos e sempre estimula e reforça as destrezas ou qualidades próprias de cada criança.

Outro ponto importante é que a professora utiliza os erros como oportunidade de aprendizagem, escuta ativamente as crianças e amplia os comentários das crianças, valorizando assim, suas opiniões.

Os dados desta pesquisa chamam a atenção para os problemas que os ciclos e a progressão continuada estão enfrentando. Nestas formas de organização escola a prática da avaliação formal está impedida de excluir o aluno, mas a avaliação informal continua existindo. Nossos dados mostram que a avaliação informal não é necessariamente um mal. Ela pode ser usada positivamente como faz a professora observada. Não dependeriam, então, os ciclos muito mais da avaliação informal do que da formal?

É importante entendermos a lógica da organização escolar por ciclos para pensarmos no sistema de avaliação informal. Segundo Freitas (2002), os ciclos procuram contrariar a lógica da avaliação formal. Os ciclos não eliminam a avaliação (nem formal e muito menos a informal), mas redefinem seu papel e sua autoria e associam-na com ações complementares (por exemplo, recuperação paralela). A motivação para tal e as possibilidades efetivas de seu sucesso dependem das políticas públicas e das concepções de educação que estão na base dos ciclos, entre outros aspectos. A mudança da autoria da avaliação tem sido um dos problemas graves, pois o professor tende a perder controle sobre o resultado de seu trabalho produzindo efeitos motivacionais desastrosos sobre ele. Ao retardar os efeitos formais da nota, o sistema quebra o tripé avaliativo e desarma o professor que fica sem ter "motivadores" para lidar com o aluno em sala de aula durante longos períodos o que gera efeitos

colaterais. A "ordem" na sala de aula convencional, certo ou errado, ancora-se na nota. Há que se lembrar que a gênese do sistema escolar substituiu motivadores naturais por motivadores artificiais baseados no valor de troca do "conhecimento" (pela nota) junto ao professor. É este processo de troca que permite ao professor criar os motivadores artificiais que regulam as relações (inclusive disciplinares) em sala de aula.

O professor se utiliza das avaliações informais para organizar o tempo, quando ele diz que um determinado aluno precisa de mais tempo que outro para aprender determinado conteúdo. Dessa forma ele faz um julgamento da capacidade de aprender de cada pessoa, o que algumas vezes pode ser real, mas em outras ele pode subestimar ou superestimar a capacidade de aprender daquele aluno.

Nosso estudo mostra que isto não é necessariamente uma fatalidade. A professora observada, embora não estando em uma situação de ciclos, faz grande uso da avaliação informal positiva o que lhe permite criar uma relação de trabalho com os alunos muito instigante.

Não obstante os efeitos positivos da avaliação informal observados neste estudo, ele também revela que os alunos estão permanentemente dependentes da professora. Devemos destacar, aqui, uma outra categoria fundamental: o controle do tempo na sala de aula. No estado de São Paulo, as escolas estão organizadas em dois ciclos de 4 anos cada: um que vai da 1ª a 4ª série e outro da 5ª a 8ª série do ensino fundamental. No primeiro ciclo, a carga horária diária realizada atualmente é de 4 horas e meia por dia.

A professora dá aos alunos mais tempo para que eles aprendam, “respeita” os diferentes ritmos de aprendizagem dos seus alunos e “garante” a aprendizagem dos alunos através da avaliação informal positiva.

Porém na escola, os alunos não têm controle sobre o seu trabalho, a sua aprendizagem. É o professor quem decide como será a aprendizagem, se os alunos devem trabalhar individual ou coletivamente, se devem competir entre si ou se devem ajudar-se mutuamente (Miranda, 2005).

Esta questão levanta um aspecto pouco estudado e que deveria merecer atenção em estudos posteriores: como a escola, mesmo dando papel adequado à avaliação informal, lida com as práticas de subordinação do aluno ao poder do professor.

4. Considerações Finais

Na sala de aula observada, constatamos que os principais tipos de avaliação informal que a professora utiliza são as de forma oral, nos comentários:

- reforçar positivamente atitudes;
- responder da mesma forma as perguntas de todos os alunos;
- utilizar tonalidade de voz positiva com todas as crianças;
- esclarecer os termos e os conceitos;
- preocupar-se para que todos acessem em igualdade de condições os conteúdos ministrados;
- favorecer o respeito mútuo;
- utilizar os erros como oportunidade de aprendizagem, entre outros.

Constatamos também que os resultados dessa avaliação informal de forma positiva podem ser percebidos imediatamente, pois durante as visitas a pesquisadora observou que durante as atividades de leitura individual em voz alta, a grande maioria das crianças possui uma boa leitura, de forma fluente, e durante as aulas das outras disciplinas constatamos que quando as crianças vão até a lousa para fazer algum exercício, realizam a tarefa de forma a demonstrar que entenderam o conteúdo. Todas as crianças sempre querem ir à lousa para fazer os exercícios.

Também pudemos constatar que nenhuma criança fica excluída do contexto da sala de aula, pois a professora procura dar atenção para todas da mesma forma, e sempre encontra meios para ajudar os que tem mais dificuldade, tanto durante o período de aula, quanto no período contrário a aula.

Durante o período de aula ela sempre pede ajuda para alguma criança com mais facilidade, e quando ela tem tempo, ela mesma ajuda a criança. Já no período contrário a aula, ela conta com a ajuda das estagiárias da escola, contratadas pela prefeitura, mas supervisiona de perto o trabalho delas, sempre orientando e avaliando.

Nesse contexto concluímos que, como afirma Freitas (2002), o plano informal pode jogar importante papel no sucesso ou no fracasso do aluno. A maioria dos alunos da turma estudada tem grandes chances de sucesso no ano letivo, pois a professora demonstra acreditar no potencial dos alunos dela.

Pelas atitudes da professora pudemos perceber que ela faz bons juízos de valor sobre os alunos dela e, provavelmente, seja por isso que a grande maioria dos alunos está disposta a acompanhar e pode vir a apresentar um bom desempenho ao final do ano letivo. Pelo menos as práticas observadas em sala indicam este caminho para as crianças.

Segundo Freitas (2002), a parte mais dramática e relevante da avaliação se localiza na avaliação informal, nos subterrâneos onde os juízos de valor ocorrem e são impenetráveis, pois regulam a relação professor-aluno e vice-versa. Esse jogo de representação vai construindo imagens e auto-imagens que determinam interagindo com as decisões metodológicas do professor. É aqui que começa a ser jogado o destino dos alunos, para o sucesso ou para o fracasso. As estratégias de trabalho do professor em sala de aula ficam permeadas por tais juízos e determinam, consciente ou inconscientemente, o investimento que o professor fará nesse ou naquele aluno.

Como a professora citada neste trabalho parece acreditar em todos os seus alunos, ele faz um investimento alto em cada um deles.

No decorrer das visitas a professora me contou que essa escola, por ser da rede municipal, ainda não está atuando em forma de ciclos, como as estaduais. Achei esse aspecto relevante para essa pesquisa, pois dessa forma as crianças continuam sendo motivadas também pela nota e pelo medo da reprovação e a professora tem condições de continuar utilizando esse argumento para motivar as crianças, portanto, nesse caso o tripé avaliativo, citado anteriormente não foi quebrado, pois a avaliação instrucional continua tendo o mesmo valor. Entretanto, se ela ainda conta com a nota, não precisaria implementar o uso adequado da avaliação informal em sua prática. Bastaria ameaçar seus alunos com a nota. Isso não ocorre. Não descartando os efeitos que avaliação formal possa estar causando, o fato é que ela não foi usada como ameaça e nem como ancoragem nos processos de avaliação, sendo feito uso adequado, positivo, dos processos de avaliação informal.

Importante ainda notar que os dados deste estudo contrariam outros estudos (p. ex. Freitas, 1995) onde a avaliação informal aparece predominantemente vinculada com reprimendas verbais, gritos e outras situações que conduzem à quebra da auto-estima do aluno.

5. Referências Bibliográficas:

BOURDIEU, P.; CHAMPAGNE, P. Os excluídos do interior. In: BOURDIEU, P. *Escritos de educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.C. *A reprodução: elementos para uma teoria dos sistemas de ensino*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975

FREITAS, Luiz Carlos de. A Internalização da Exclusão. *Educ. Soc.*, Set. 2002, vol.23, no.80, p.299-325.

FREITAS, Luiz Carlos de. *Ciclos, seriação e avaliação: confronto de lógicas*. São Paulo: Cortez, 2003.

FREITAS, Luiz Carlos de. *Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática*. – Campinas, SP: Papyrus, 1995. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli ED *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU 1986.

MIRANDA, Adriana Vieira. *O Tempo Real de Ensino-aprendizagem. Trabalho de Conclusão de Curso*. UNICAMP – Campinas, 2005.

PINTO, Ana Lúcia G. *A avaliação da aprendizagem*. Dissertação de mestrado. UNICAMP – Campinas, 1994.

RICHARDSON, Virginia. Espaço e tempo. In ARENDS, Richard I. *Aprender a ensinar*. Portugal: McGraw-Hill, 1997. Capítulo 3, disponível on-line: http://www.des.min-edu.pt/revista/revista8/pdf/tempo_espaco.doc. Acessado em: 10/12/2005.

SAVIANI, D. *Escola e democracia*. São Paulo: Cortez, 1983.

STUARDO, G. M "Efectividad Escolar en Contextos de Pobreza. Aprendiendo de las Buenas Escuelas en Chile". Apresentação em Seminário Interno do Projeto Geres, Rio de Janeiro. 2004.

VINCENT, G.; LAHIRE, B.; THIN, D. Sobre a história e a teoria da forma escolar. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, n. 33, p. 7-47, 2001

6. Anexo 1

A. PAUTA DE OBSERVAÇÃO DE SALA DE AULA

Nome da Escola: _____

Observador: _____

Série	Matemática	Alfabetização	Data: dia/mês/ano	Hora início	Hora término

Alunos

N° de alunos matriculados	N° de alunos presentes na sala	
	Homens	Mulheres

Características dos alunos

Presença de crianças com necessidades especiais, uso de uniforme, outros aspectos relevantes na apresentação/aparência das crianças

Características do professor

Sexo:
Idade aproximada:
Aspectos, gestos, tom de voz, ânimo, etc.

ESTRUTURA DA AULA: INÍCIO, ATIVIDADES, ENCERRAMENTO

A. Tempo real de ensino-aprendizagem

Hora início:	Hora término:	Número de interrupções:	Tempo real total:

B. Apresentação da sessão

Com relação à forma como o professor introduz os temas ou as atividades da aula:

1. O que faz o professor(a) para introduzir o tema que vai ensinar na aula? Descrever o que faz ou apresenta para motivar e desenvolver o tema.

--

2. Registrar se ocorrem as seguintes situações (marque todas as que correspondem).

O professor...	SIM	NÃO
a) Apresenta ou recorda objetivos de aprendizagem		
b) Explica o que deverão aprender nesta aula		
c) Anuncia as atividades que serão realizadas na aula		
d) Faz uma pergunta para introduzir os conteúdos		
e) Recolhe experiências ou saberes dos alunos a respeito do tema e das atividades		
f) Relaciona o tema com a vida cotidiana dos alunos		
g) Relaciona o tema ou atividade com atividades prévias		

C. Desenvolvimento da Sessão

1. Qual é ou quais são os temas da sessão?

--

2. Lista de atividades gerais realizadas, em sequência desde o início até o final e o tempo aproximado para as mesmas.

Actividades realizadas	Tempo gasto aprox. minutos
a)	
b)	
c)	
d)	
e)	
f)	
g)	
h)	
i)	
j)	
k)	
l)	

Alguns alunos podem realizar atividades livres			
Todos os alunos realizam atividades livres			
Conversam sobre um tema proposto pelo professor			
Conversam sobre um tema proposto por algum aluno			
Cantam, recitam, representam, jogam			
Escutam música, cassetes, rádio, vêem televisão ou fotos vinculadas ao tema da aula			
Escutam música, cassetes, rádio, vêem televisão ou fotos que não estejam vinculadas ao tema da aula			

4. No caso de que se estejam desenvolvendo atividades no pátio ou fora da sala de aula, descrever estas atividades: onde se produzem, de que se tratam e quem delas participa.

1. Uso de materiais durante a aula: marcar todos os que se usam e depois marcar se o professor acompanha os alunos no seu uso ou se os alunos trabalham sozinhos com o material (registrar se o professor ajuda os alunos na utilização do material ou se dedica a fazer outra atividade, como corrigir provas ou se ocupar do livro de aula).

Material	SIM	NÃO
Livro de texto		
Biblioteca da sala		
Outro material escrito publicado (livros, diário, revistas, dicionários, enciclopédia)		
Rotêiros de aprendizagem		
Material que trazem os alunos (recortes, folhas naturais, pedras, garrafas, madeira, vasilhas, plantas, etc.)		
Lápis, jogos, figuras, papel de cor e outro material didático que não seja de uso pessoal do aluno		
Trabalhos elaborados pelos alunos		
Calculadoras		
Computador		
Internet		
Material audiovisual		
Instrumentos musicais		
Mapas, globos, atlas		
Material de geometria		

Disfarces, instrumentos musicais, ferramentas		
Outros. Quais?		

D. Encerramento da sessão

1. Descrição do encerramento ou o término da aula

--

2. Aspectos do fim da aula: marque todos os que correspondam

O professor:	SIM	NÃO
1. Recupera o sentido do que foi realizado em aula		
2. Avalia os produtos (atividades realizadas, resultados obtidos)		
3. Relaciona estas aprendizagens com os objetivos da aula		
4. Indica temas que ficaram pendentes		
5. Dá tarefas para a casa		
6. Relaciona a aula com as matérias e atividades das aulas seguintes		
7. Pede para ordenar a sala e guardar os materiais utilizados		
8. O encerramento não guarda relação com as atividades realizadas		
9. Não se evidencia um encerramento		
10. Outra. Qual?		

AREA 1: AMBIENTE DIDÁTICO E MANEJO GRUPAL ²			Pt.
	1	0	
1. As crianças têm a possibilidade de aprender durante a maior parte do período observado. Não há grandes períodos em que mais de 50% das crianças estejam sem fazer nada.	Sim	Não	
2. Existe preocupação do professor para que todas as crianças acessem em igualdade de condições aos conteúdos ministrados	Sim	Não	
3. Permite o murmúrio.	Sim	Não	
4. Adapta a disposição da sala às atividades (se necessário).	Sim	Não	
5. Mantém as crianças envolvidas nas tarefas.	Sim	Não	
6. Supervisiona atentamente as necessidades de ajuda às crianças	Sim	Não	
7. Reforça habitualmente condutas positivas.	Sim	Não	
8. Impõe disciplina mediante o uso do reforço positivo.	Sim	Não	
9. Ausência de ameaças sistemáticas como método para disciplinar.	Sim	Não	
10. Ausência de castigos descabidos ou imerecidos.	Sim	Não	
11. Ausência de reforço habitual às crianças com comportamento negativo.	Sim	Não	
12. Intervem adequadamente frente aos conflitos entre as crianças.	Sim	Não	

AREA 2: APOIO AO DESENVOLVIMENTO AFETIVO-SOCIAL			Pt.
	1	0	
13. A tonalidade afetiva do professor é geralmente positiva.	Sim	Não	
14. Demonstra afeto pelas crianças.	Sim	Não	

² A partir daqui, pauta elaborada por CEDEP - XIMENA SEQUEL ET AL.

15. Reconhece e acolhe sentimentos das crianças (ou fomenta que os tenham)	Sim	Não	
16. Fomenta explicitamente a cooperação e generosidade entre as crianças.	Sim	Não	
17. Favorece o respeito mútuo (ausência de burlas, não rotula as crianças, não sanciona publicamente suas manifestações pessoais).	Sim	Não	
18. Recebe com agrado manifestações de afeto das crianças.	Sim	Não	
19. Estimula que as crianças se ensinem mutuamente*	Sim	Não	
20. Chama os alunos por seu nome	Sim	Não	
21. Estimula e reforça as destrezas ou qualidades próprias de cada criança	Sim	Não	

AREA 3: APOIO AO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO E VERBAL			Pt.
	1	0	
22. <u>Dá resposta às perguntas ou solicitações das crianças</u>	Sim	Não	
23. <u>Favorece que as crianças descrevam, comparem, associem ou infiram, etc.</u>	Sim	Não	
24. <u>Utiliza os erros como oportunidade de aprendizagem.</u>	Sim	Não	
25. <u>Contextualiza a aprendizagem.</u>	Sim	Não	
26. <u>Formula perguntas abertas às crianças .</u>	Sim	Não	
27. <u>Escuta ativamente as crianças.</u>	Sim	Não	
28. <u>Dá às crianças o tempo que requerem para comunicar-se .</u>	Sim	Não	
29. <u>Re-verbaliza as mensagens erradas , confusas ou incompletas *</u>	Sim	Não	
30. <u>Amplia os comentários das crianças *</u>	Sim	Não	
31. <u>O professor faz bom uso da linguagem (fala bem).</u>	Sim	Não	
Pontuação Total			

AREA 4: CONDUTA DOS ALUNOS

Como é a reação da maioria dos alunos frente à apresentação dos temas, atividades, instruções do professor?

(Selecione uma opção para cada item, excetuando o item c, no qual pode marcar 2 – as duas mais frequentes).

a. Frente a propostas e motivações do professor		
1. <u>Respondem ativamente às perguntas e motivações do professor/a, se entusiasman</u>		
2. <u>Propõem direta ou indiretamente outros temas de seu interesse</u>		
3. <u> Aceitam com passividade as propostas do profesor/a</u>		
4. Interrompem com comentários e perguntas inapropriadas		
b. Frente a instruções do professor		
1. <u>As ignoram</u>		
2. <u>As seguem submissamente</u>		
3. <u>As seguem com facilidade e desenvoltura</u>		
4. <u>As seguem com dificuldade (consultam reiteradamente)</u>		
c. Interação entre alunos		
1. <u>Se apoiam dando-se instruções e explicações</u>		
2. <u>Fazem piadas e burlas entre si</u>		
3. <u>Brigam e mostram conflitos interpessoais</u>		
4. <u>Se corrigem e disciplinam-se entre si</u>		

5. Competem entre si pelo resultado	
6. Escutam com atenção, se interessam pelo trabalho de seus companheiros	
7. Ignoram o trabalho de seus companheiros	
d. Disciplina	
1. Maioria é de atentos, seguindo a aula, perguntando ou opinando	
2. A maioria está atenta, só alguns perguntam ou opinam	
3. Só um grupo está atento, pergunta ou opina, o resto faz desordem ou se isola do trabalho na aula	

Anote aqui suas impressões gerais sobre a aula observada, as características do processo de ensino-aprendizagem

PAUTA B: ASPECTOS DA SALA

A. Pessoas que participam da sessão de aula

1. Número de alunos que entram na sala uma vez iniciada a aula	
2. Número de alunos que saem da sala uma vez iniciada a aula	
3. Número de pessoas alheias ao curso que interrompem a aula	
4. Número de outros presentes excetuando o professor/a, alunos e o observador/a Quem são?	
5. Número de vezes que o professor se ausenta da aula	

B. Disposição da sala

Desenhe a sala indicando a localização das crianças, materiais, biblioteca de aula, livros, outros implementos, existência de mobília, tipo de móveis, localização de portas e janelas, posição do professor/a, o que há nas paredes.

Desenho:

Descrição:

Tipo de móveis. Assinalar se estão em muito mal estado de conservação:

Materiais didáticos visíveis na sala:

Material nas paredes, mural ou quadros:

Posição do professor (em frente aos alunos, no centro, se caminha na sala, etc.):

Ruídos inoportunos durante a aula:

Iluminação apropriada para o trabalho dos alunos:

Decoração, ordem e limpeza da sala:

Adequação do espaço dado e o número de alunos na sala

1. Feijado		Fundamente a resposta escolhida
2. Suficiente		
3. Insuficiente		

Impressão global sobre a sala: